

O PROGRESSO COMO UM NORTEAMENTO DA EDUCAÇÃO E SUAS ESPECIFICIDADES NA IMPRENSA UBERLANDENSE ENTRE 1907 E 1910¹

The Progress as A Educational Orientation and Yours Specificities in the Press at Uberlândia, Mg, Between 1907 and 1910

José Carlos Souza Araújo²

RESUMO

O objeto deste é averiguar geneologicamente a explicitação do norteamento centrado na concepção defluente da categoria *progresso*, com o intuito de compreender a educação escolar quanto à intencionalidade que funda as concepções, as orientações legislativo-educacionais, bem como as realizações concretas em torno dela. Para isso, visa este estruturar os vínculos entre as categorias *progresso* e *educação*, compreendendo a primeira como central na compreensão das idéias educacionais veiculadas desde o projeto iluminista. Afirmando assim, a categoria *progresso* se inscreve como potencialmente significativa para a perspectiva da história de longa duração. Nessa direção, a referida categoria se posiciona como um projeto civilizatório, bem como um norteamento para esse mesmo projeto. E a educação é concebida como capaz de fazer irradiar o progresso, eis em suma o ideário iluminista. Nesse sentido, este se estrutura assentado em três eixos que procurarão envolver o binômio *educação* e *progresso*: a) a concepção iluminista do século XVIII; b) a idéia de progresso no século XIX e c) o progresso como horizonte norteador da educação escolar presente em Uberlândia, MG, no período da Primeira República, expresso pela imprensa local, particularmente através do jornal *O Progresso*, entre 1907 e 1910.

Palavras-chave: Progresso, Educação, Iluminismo, Imprensa, Uberlândia, MG, Triângulo Mineiro.

ABSTRACT

The objective of this text is to investigate geneologically the explication of the direction centered in the defluent conception of the category *progress*, with the intent of comprehend the school education in the intentions that found the conceptions, the legislative and educational orientations, as well as the accomplishments around it. For this, it aims at the structuring of the links between the categories *progress* and *education*, understanding the first as central in the comprehension of educational ideas published since the illuminist project. We affirm that the category *progress* is potentially meaningful to the long duration historical perspective. In this direction, the mentioned category is posed as a civilization project, as well as a north to the same project. And education is conceived as capable of irradiating progress. Summarizing, this is the illuminist set of ideas. In this sense, this is structured based on three axes that look for involving the binomial *education* and *progress*: a) the illuminist conception of the 18th Century; b) the idea of progress in the 19th Century; and c) progress as the horizon that conducts the school education in Uberlândia, MG, in the period of the First Republic, what was expressed in the local media, specially by the newspaper *O Progresso*, between 1907 and 1910.

Key words: Progress, Education, Illuminism, Press, Uberlândia, MG, Triângulo Mineiro.

¹ Este artigo reúne as comunicações apresentadas ao III Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Curitiba, PR, e ao III Congresso de Ensino e Pesquisa em História da Educação em Minas Gerais, realizado em São João Del Rei, MG.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG, e Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (jcaraujo@ufu.br).

O objeto deste é averiguar genealógicamente a explicitação do norteamento centrado na concepção defluente da categoria *progresso*. O que se descortina é que “[...] a genealogia é uma forma de examinar e de escrever a história que difere da história tradicional porque se assume como *história com perspectiva, crítica, interessada*. A genealogia parte de um problema ou conceito presente e trata de fazer um ‘mapa’, não dos antepassados senão das lutas e dos conflitos que configuraram o problema tal como o conhecemos hoje” (DUSSEL & CARUSO, 1999, p. 27).

Portanto, a eleição deste objeto está interessada em compreender a educação escolar quanto à sua orientação última, ou melhor, quanto à intencionalidade que funda as concepções, as orientações legislativo-educacionais, bem como as realizações concretas em torno dela. Trata-se, em suma, de buscar o rumor ideativo que veio constituindo a centralidade da educação escolar, a um só tempo como fundamento formativo do indivíduo humano e como mediação civilizatória.

Nesse sentido, esta comunicação se estrutura assentada em três eixos que procurarão envolver o binômio *educação e progresso*, presente no título: a) a concepção iluminista do século XVIII; b) a idéia de progresso no século XIX e c) o progresso como horizonte norteador da educação escolar presente em Uberlândia, MG, no período da Primeira República, expresso pela imprensa local, particularmente através do jornal *O Progresso*.

Inicialmente, a perspectiva que se abre a essa pesquisa é compreender os vínculos entre as categorias *progresso e educação*, compreendendo a primeira como central na compreensão das idéias educacionais veiculadas desde o projeto iluminista. Afirmando assim, a categoria *progresso* se inscreve como potencialmente significativa para a perspectiva da história de longa duração. Nessa direção, a referida categoria se posiciona como um projeto civilizatório, bem como um norteamento para esse mesmo projeto. E a educação é concebida como capaz de fazer irradiar o progresso, eis em suma o ideário iluminista.

O verbete da *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* sobre *Progresso* é insignificante quanto à extensão: “Movimento para a frente; o *progresso* do Sol na elíptica; o *progresso* do fogo; o *progresso* desta raiz. Também se toma em sentido figurado, e diz-se fazer *progressos* rápidos numa arte, numa ciência” (ENCYCLOPÉDIE, 1986, p. 284). Entretanto, sua significação se projeta para além de sua genealogia no século XVIII, particularmente no andamento de sua segunda metade.

O ir para diante, o movimento para frente tornou-se uma alavanca orientadora para a civilização ocidental. Embora haja referência sobre o progresso na obra de Saint-Pierre (1658-1743), *Projeto de Paz Perpétua*, escrita em 1713, bem como se reconheçam influências de Bossuet (1627-1704), através de seus *Discursos sobre a história universal*, de 1681, na configuração desse norteamento, o termo *progresso* passa a adquirir projeção basicamente a partir de 1750, sobretudo nas obras de Turgot (1727-1781), Condorcet (1743-1794), Kant (1724-1804), Herder (1744-1803) e Voltaire (1694-1778) entre outros.

Portanto, historicamente a idéia de progresso se desenha no século XVIII, quando na verdade ela é assumida numa perspectiva mais plenamente secularizada. Os esforços anteriores, sobretudo os vinculados ao período da modernidade, deixam antever o percurso de tal concepção triunfante. Embora a partir do século XVIII possam ser visualizadas várias perspectivas em torno da idéia de progresso, esta adquire uma conotação bem singular no interior da concepção iluminista: aposta ela na perfectibilidade do ser humano, seja no âmbito da educação intelectual, seja no âmbito da educação moral. A utopia educacional se estrutura em torno da construção de um homem ilustrado, contando com as qualidades naturais que ele guarda consigo.

Na visão de Nisbet (1985), o período entre 1750 e 1900 cobre o auge da idéia de progresso no Ocidente, assumindo que é em torno dela que giravam outras idéias como igualdade, justiça social, soberania, popular – acrescentaríamos também o de educação e de democracia. Tais idéias “quando inseridas no contexto da idéia de progresso poderiam parecer, não só meramente desejáveis, mas também historicamente necessárias, sendo inevitável sua eventual realização” (NISBET, 1985, p. 181).

Buscando explicitar melhor a veiculação de tal concepção pela América Latina, observa-se que, sob a influência da *Comissão Econômica para a América Latina* (CEPAL) criada em 1948, com o objetivo de elaborar estudos e alternativas para o desenvolvimento, este passa a ocupar centralidade, produzindo um deslocamento da noção de ‘progresso’ para a noção de ‘desenvolvimento’ (cf. ALPIZAR, 2001).

O verbete do *Dicionário de Política* assume a orientação de que há duas posturas básicas em torno da doutrina do Progresso: iluminismo e idealismo.

“O conteúdo iluminístico está vinculado à idéia da possível perfectibilidade humana, realizável no mundo dos homens. Implica uma atitude crítica em relação à atividade humana e ao processo histórico e, conseqüentemente, a formulação de critérios de avaliação e identificação na história de épocas de progresso, de decadência ou de retrocesso. O processo idealístico, ao contrário, considera o Progresso como um processo necessário do universo, realizado por um princípio espiritual, e, por isso, contínuo e sem possibilidade de retrocesso” (BOBBIO, 1986, p. 1010).

Na verdade, as duas matrizes – a iluminística e a idealista – se diferenciam bastante: para a primeira, à humanidade cabe definir a direção daquilo que conduz ao progresso. Este se configura como uma intencionalidade, para a qual se caminha gradualmente, mas sob a tutela humana que deve estar realizando escolhas em vista do percurso na direção do progresso. Por conseguinte, há nitidamente uma perspectiva secularizante. Por outro lado, a postura idealista afirma o progresso como contínuo, sem retrocesso, sob a direção de um princípio espiritual. E, por conseguinte, tal progresso se torna necessário.

Para o âmbito dessa comunicação, serão explicitadas algumas posições significativas de Kant e Condorcet a título de exemplificação, buscando situar a questão relativa ao binômio, *educação* e *progresso*, a fim de explicitar o encaminhamento do ideário iluminista, posto que a postura idealista guarda outros contornos em relação ao objeto deste, e pouco explícitos na documentação primária, objeto deste.

Para Kant, na obra *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, vinda a público em 1784, “[...] o que se mostra confuso e irregular nos sujeitos individuais poderá ser reconhecido, no conjunto da espécie, como um desenvolvimento continuamente progressivo, embora, lento, das suas disposições originais” (KANT 1986, p. 9). Tal afirmação precisa levar em conta a articulação de três conceitos-chave: espécie humana, progresso e disposições naturais. Ou seja: a marcha progressiva da humanidade é perceptível em termos da espécie e não em nível individual, mas tal marcha implica em direcionar as disposições naturais com que a humanidade é dotada.

O trecho citado acima se torna mais explícito, quando da enunciação da Primeira Proposição presente na referida obra: “Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim” (KANT 1986, p. 11). No entanto, a Segunda Proposição da mesma obra, explicita melhor as relações entre o indivíduo e a espécie, bem como situa o significado e a potencialidade da razão como faculdade vinculada à marcha progressiva da humanidade em vista de sua destinação à perfeição. Mas de forma nenhuma ela dispensa o exercício, o ensinamento e a tentativa em vista de tal marcha:

“No homem [...] aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo. Numa criatura, a razão é a faculdade de ampliar as regras e os propósitos do uso de todas as suas forças muito além do instinto natural, e não conhece nenhum limite para seus projetos. Ela não atua apenas de maneira instintiva mas, ao contrário, necessita de tentativas, exercícios e ensinamentos para progredir, aos poucos, de um grau de inteligência a outro” (KANT, 1986, p. 11).

Na obra publicada em 1793, *Aquilo que vale em Teoria, não vale na Prática*, Kant situa o progresso como um gradual e contínuo crescimento, e que nunca pode ser detido: “Será a mim permitido, pois, admitir que, como o gênero humano se encontra em contínuo avanço no que respeita à cultura, que é seu fim natural, também cabe conceber que ele progride para melhor no que concerne ao fim moral de sua existência, de modo que este progresso sem dúvida será às vezes interrompido porém jamais detido” (KANT, 1986, p. 53-54).

Para Condorcet, a razão e o progresso também se fazem bem delineados em sua obra, *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, publicada em 1794. Faremos três citações, a primeira presente na introdução à obra. Seu teor, em vista do objeto deste artigo, implica reconhecer a progressão contínua das faculdades humanas e a marcha para a perfectibilidade humana. Em suas palavras:

[...] a natureza não indicou nenhum termo ao aperfeiçoamento das faculdades humanas; que a perfectibilidade do homem é realmente indefinida: que os progressos dessa perfectibilidade, doravante independentes da vontade daqueles que desejariam detê-los, não têm outros termos senão a duração do

globo onde a natureza nos lançou. Sem dúvida, estes progressos poderão seguir uma marcha mais ou menos rápida, mas ela deve ser contínua e nunca retrógrada enquanto a terra ocupar o mesmo lugar no sistema do universo, e enquanto as leis gerais deste sistema não produzirem nem uma desordem geral, nem mudanças que não permitiriam mais à espécie humana conservar aqui as mesmas faculdades, desdobrá-las, encontrar aqui os mesmos recursos” (CONDORCET, 1993, p. 20-21).

A segunda citação, presente no capítulo intitulado, *Dos futuros progressos do espírito humano*, na verdade, de caráter conclusivo, Condorcet estabelece relações em relação ao papel da educação como instrumento destinado ao desenvolvimento igual das faculdades, igualdade esta concebida em seu vínculo com a liberdade concebida como encaminhamento para a vida social:

Enfim, a instrução bem dirigida corrige a desigualdade natural das faculdades, em lugar de fortalecê-la, assim como as boas leis remedeiam a desigualdade natural dos meios de subsistência; assim como, nas sociedades onde as instituições terão conduzido a esta igualdade, a liberdade, se bem que submetida a uma constituição regular, será mais extensa, mais integral do que na independência da vida selvagem [...]” (CONDORCET, 1993, p. 186).

No parágrafo seguinte, é clara a relação entre o aperfeiçoamento do homem e a idéia de progresso como capaz de promovê-lo. Este, na verdade, se funda na igualdade, na extensão da instrução, na liberdade. Enfim, o que está em jogo é a felicidade dos homens:

As vantagens reais que devem resultar dos progressos dos quais se acaba de mostrar uma esperança certa só podem ter por termo o aperfeiçoamento da espécie humana, já que, na medida em que diversos gêneros de igualdade o estabelecerão por meios mais vastos de prover a nossas necessidades, por uma instrução mais extensa, por uma liberdade mais completa, mais esta igualdade será real, mais ela estará próximo de abarcar tudo aquilo que interessa verdadeiramente à felicidade dos homens (CONDORCET, 1993, p. 186).

Com relação ao século XIX, duas figuras exponenciais se evidenciam: Comte (1798-1857) e H. Spencer (1820-1903)

A posição de Augusto Comte se assenta na ordem e no progresso. Na ordem, dada a preocupação com a anarquia espiritual em que se pusera a modernidade através da Reforma, do Iluminismo e da própria Revolução Francesa. Daí a necessidade da ordem. Por outro lado, sua posição a respeito do progresso se expressa na conhecida lei dos três estados (teológico, metafísico e científico), construindo em torno deles uma filosofia da história.

Sua posição sobre as relações dependentes entre a ordem e o progresso oferece um sustentáculo à compreensão de seu norteamto teórico em torno da Física Social:

Nenhuma verdadeira ordem pode ser estabelecida e tampouco pode durar se não for perfeitamente compatível com o progresso; nenhum grande progresso pode ser realizado se não levar à consolidação da ordem. ...Assim sendo, a característica principal da ciência social positiva tem de ser a união dessas duas condições, que serão dois aspectos constantes e inseparáveis, do mesmo princípio... As idéias de ordem e de progresso são, na física social, tão rigorosamente inseparáveis quanto as idéias de organização e de vida na biologia (Apud NISBET, 1985, p. 261-262).

Seu posicionamento sobre a melhoria crescente da humanidade também é ilustrador quanto ao horizonte em torno do progresso, bem como em torno das faculdades humanas sempre a caminho do melhoramento:

A mim parece que o melhoramento é tão inquestionável quando o desenvolvimento do qual procede... Considerando a raça humana como um todo e não como um só povo, parece que o desenvolvimento humano traz consigo, de duas formas, uma melhoria sempre crescente: inicialmente na condição radical do homem – o que ninguém nega, e em segundo lugar, em suas faculdades correspondentes, ponto de vista este que se leva menos em consideração (Apud NISBET, 1985, p. 262).

Herbert Spencer “[...] constitui a suprema incorporação do individualismo liberal e da idéia de progresso. Ninguém antes dele e ninguém desde então conseguiu, de forma tão efetiva, sintetizar as duas filosofias de liberdade e de progresso, ancorando tão perfeitamente a primeira na segunda (NISBET, 1985, P. 237). No decorrer da segunda metade do século XIX, Spencer tornou-se uma referência nesse campo. Uma publicação sua, datada de 1857, intitulada *Progresso: sua lei e causa*, expressa a seguinte orientação: a “[...] lei de progresso orgânico [...] é lei do progresso. Quer no desenvolvimento da terra, no desenvolvimento da vida em sua superfície, no desenvolvimento da sociedade, do governo, das indústrias, do comércio, da linguagem, literatura, ciência, arte, esta mesmo evolução, do simples ao complexo, através de sucessivas diferenciações permanece constante” (Apud NISBET, 1985, p. 242).

Observe-se a amplitude dessa afirmação, que abarca uma perspectiva cósmica, biológica e civilizatória. Nesse sentido, tal desenvolvimento é o próprio progresso da civilização da humanidade em sua totalidade, bem como o progresso de cada nação, concebido sempre no universo spenceriano como uma necessidade benéfica.

Em uma outra obra, *Social Statics*, de 1850, Spencer – na verdade, responsável pela frase ‘sobrevivência do mais apto’, adotada por Darwin em *A origem das espécies* – explicita muita claramente o papel do uso no desenvolvimento do ser humano, enquanto alavanca para a adaptação:

O desenvolvimento final do homem ideal é logicamente certo – tão certo como qualquer conclusão à qual atribuímos uma fé implícita... Como fica comprovado pelas experiências de todos os povos em todas as épocas, os órgãos, as faculdades, os poderes e as capacidades não importa o nome que lhes atribuímos – crescem ao serem usadas e definham com a falta de uso; por isso devemos inferir que isso continuará a ser assim. Se essa inferência é inquestionável, também o que dela se deduz o será: a humanidade no fim vai se adaptar perfeitamente a suas condições – o que é também inquestionável” (Apud NISBET, 1985, p. 243).

Portanto, tal ideário em torno do progresso que implica umbilicalmente a educação do homem, individual e coletivamente, mas sempre vinculado à perspectiva civilizatória potencializada pelo progresso - seja aquele presente na segunda metade do século XVIII, seja no século XIX situado nas obras Comte e de Spencer, ambos amalgamando as posturas positivista, evolucionista, cientificista e liberal - se configura energeticamente como norteamento, em que a ilustração se torna uma instrumento para a realização civilizatória da humanidade.

Em síntese,

A idéia central, esboçada no século XVIII, é que a razão aparece e se desenvolve pela história. A razão humana é inseparável do movimento da história das ciências, das técnicas. Ela é essencialmente progresso. [...] A originalidade do século XIX reside ao contrário no fato de conceber o progresso sobre o modelo singular de uma espécie de evolução necessária. O movimento da história, que trata da história dos eventos materiais ou das idéias, não é mais concebida como um programa simplesmente possível, como uma exigência, um ideal prático no sentido kantiano, do qual a primeira condição para que se realize é que os homens o queiram e coloquem em prática para fazê-lo vir à luz. [...] Trata-se de uma marcha necessária, inelutável da História que deve realizar seu programa independentemente, até contra as vontades individuais. A liberdade humana deixa lugar à necessidade das leis históricas que parecem como tão coercitivas quanto as leis naturais [...] (JOLIBERT, 1987, p. 107).

Tais parâmetros que situam o progresso como um objetivo a ser alcançado pelo movimento histórico, situam a educação escolar como um suporte que permitirá operacionalizar tal busca. Nessa esteira concepcional, a pesquisa que vem se fazendo em atas da Câmara Municipal e em jornais locais (*O Progresso* e *A Tribuna*, em circulação no período da Primeira República) de Uberlândia, MG, Triângulo Mineiro, no período compreendido por Primeira República, guardam veiculação com esse ideário.

Durante esse período, a escolarização é concebida como ilustradora, isto é como senda luminosa para o progresso e para a civilização. Nessa direção, as referências às nações mais adiantadas tratam de alinhavar a importância da instrução escolar na evolução dos povos. É, portanto, nesse enquadramento cronológico e mental que se insere a proposta de pesquisa, levando-se em conta a circulação de tal

ideário, expresso pelas Atas da Câmara Municipal, bem como pela imprensa local. No entanto, essa comunicação se atém à imprensa local, expressa pelo jornal *O Progresso*.

O município de Uberlândia, MG, constituído em 31 de agosto de 1888, anteriormente em pouco mais de um ano à proclamação da República – depois de se configurar como distrito a partir de 1852 – teve sua Câmara Municipal instalada em 07/03/1892.

Esta comunicação busca explicitar - através do jornal *O Progresso* que circulou em Uberlândia, MG, entre 1907 e 1918 -, as idéias educacionais vinculadas ao horizonte do progresso e da ilustração. Tematicamente, o objeto é compreender as relações entre educação e progresso, refletidas nas matérias do referido jornal nos anos 1907 a 1910.

Assim sendo, o segundo número de *O Progresso* reflete, em seu editorial, posições que sustentam relações com a postura evolucionista: “Se o nosso jornal tem o intuitivo nome de progresso mais uma razão para colocar-se ao lado d’aquelles que pugnam pelos ideais evolucionistas, que confraternizam os povos e as nações?” (SANEAMENTO. *O Progresso*, Uberabinha, MG, ano 1, nº2, 20/09/1907, p.1). O horizonte contemplado evidentemente é o progresso, porém assumido numa perspectiva derivada de um arcabouço que contempla o mesmo como necessário, dada a perspectiva evolucionista que o ilumina, contemplando a possibilidade de confraternização entre os povos e as nações.

Curiosa também é a consciência que o editorial, intitulado *O Nosso Jornal*, manifesta a respeito do papel da imprensa em vista do trilhar na direção do progresso – mas também da propriedade – aqui vagamente expressos em torno da construção da coletividade brasileira:

Bem considerado qual seja o papel da imprensa no desenvolvimento moral, material e intellectual da sociedade; pensando com mais dureza na activa parte que desempenha na propaganda da instrução popular; torna-se ella creadora de acatamento e proteção de todos que desejam ver avançar na trilha do progresso e da propriedade a sociedade de que todos nós fazemos parte, que se denomina collectividade brasileira (O NOSSO JORNAL. *O Progresso*, Uberabinha, MG, ano 1, nº17, 20/01/1908, p.1-2).

Em editorial devotado à instrução, é cabal a afirmação do norteamento em torno do progresso alavancado pela educação escolar: “Ótimo symptoma de desenvolvimento o amor que vae lotando ultimamente nesta cidade pelas cousas referentes a instrução é uma prova evidente e, por isso mesmo, mais do que flagrante, de que estamos caminhando franquamente para a senda luminosa do progresso (PELA INSTRUÇÃO. *O Progresso*, Uberabinha, MG, ano 1, nº 10, 24/11/1907, p.1).

Na mesma direção, coloca-se um outro editorial, ainda expresso em 1907, o qual manifesta uma análise em torno das classes sociais – elevadas, médias e inferior – configurando um posicionamento que associa ética e política, afirmando a instrução primária como a via principal para perseguir o progresso intelectual:

As classes elevadas e medias não faltam em parte alguma efficazes meios de instrução adequada á sua situação e aos cargos que tem que exercer na sociedade. Tudo porem escacêa na classe inferior, até a instrução necessaria para fazer uzo da intelligencia no exercicio da arte que pratica. Parece a primeira vista que a sorte do povo merece a todos grande contemplação. A sociedade depois de ter aliviado de tributos honerosos, o que seria indubitavelmente muito para louvar, ou de haver por actos de continua beneficencia encontrado o meio de kebe diminuir a misera em já sepultado, não fica por isso desobrigada de cumprir para com elle os outros deveres a que obrigam a humanidade, a moral e a politica. A instrução primaria é o primeiro passo que se dá na estrada do progresso intellectual, e por ventura o mais importante no cumprimento daquelles deveres (ECONÓMLA SOCIAL OBSTACULOS QUE SE OPÔE AO APERFEIÇOAMENTO DA INDUSTRIA. *O Progresso*, Uberabinha, MG, ano 1, nº14, 22/12/1907, p. 1).

Observe-se ainda que a instrução primária é situada como central no cumprimento dos deveres de humanidade, de moral e de política. E a sociedade é aí afirmada como responsável pelo povo – situável no âmbito de tal citação – como a classe inferior.

Em editorial de 01/11/1908, relativo à política educacional em torno dos grupos escolares – intitulado *Dr. João Pinheiro* – elogia o papel da Câmara Municipal de Uberlândia em propor a construção de um edifício destinado a acolher um grupo escolar na cidade:

A Camara Municipal de Uberabinha, composta unicamente de elementos sãos da nossa cidade, albeia a qualquer grupo ou facção política, só tem visado até aqui hoje o progresso e desenvolvimento do município, adotando-o com toda a sorte de melhoramentos compatíveis com a receita de seus orçamentos. É neste procedimento que se funda a confiança que nella deposita o povo” (DR. JOÃO PINHEIRO. O Progresso, Uberabinha, MG, ano 2, nº 59, 01/11/1908, p.1).

A discussão partidária também se faz presente nos editoriais d’ *O Progresso*: primeiramente, pela defesa de Delfim Moreira - que só governará o Estado mineiro em 1914 – à sucessão de João Pinheiro, que falecera em setembro de 1908. Em tal editorial, o progresso é o critério que norteia o apoio à candidatura do referido Delfim Moreira, inclusive argumentando em defesa da instrução pública projetada pelo governo de João Pinheiro:

Ha o elevado cargo de Presidente deste Estado a ser preenchido brevemente. Para tão momentoso acontecimento, é mister que os sinceros republicamos e cidadãos patriotas mineiros saibam escolher um nome que reuna as mais exigidas condições de probabilidade, caracter e de elevado conhecimento administrativo, afim de que possamos ter um governo de verdadeira paz e progresso. [...] É preciso que a instrução publica seja cuidada com o mesmo zelo e grande interesse, como sóe ter sido iniciado e mantida até aqui pelo saudoso governo que desapparecera, não obstante existirem alguns pequenos defeitos em sua organização mascula, afim de que esse grande universal desideratum possa produzir os mais benéficos resultados (15 DE NOVEMBRO. O Progresso. Uberabinha, MG. Ano 2, nº61, 15/11/1908, p.1).

Ainda vinculado à temática relativa ao apoio partidário, um outro editorial de 30/05/1909 faz a defesa do nome do Sr. Costa Sena a dar continuidade à obra de João Pinheiro na construção da educação pública, administração esta afirmada como regeneradora e progressista:

Insisto na candidatura do Dr. Costa Sena á presidencia do estado, em sucessão ao Dr. Wenceslau Braz, não temos em vista outro fim mais do que cooperar para que o estado continue a marchar na senda da regeneração e progresso encetada pelo sabio e saudoso mineiro Dr. João Pinheiro da Silva, que em tão pouco tempo, tanto fez em beneficio do povo mineiro, quer se encare seus inestimaveis serviços pelo lado material, como pelos resultados intellectuaes, cujos fructos vamos apreciando no caracter nacional (DR COSTA SENA. O Progresso, Uberabinha, MG, ano 2, nº 88, 30/05/1909, p.1).

Os elogios a João Pinheiro o evocam como responsável pelo início do progresso de Minas Gerais, enfocando a instrução como ilustradora do povo:

Illustrar um povo é tornar-o consciente e ninguem fez mais em prol da instrução, da independencia de caracter e da, educação civica do povo mineiro, do qie o extincto presidente, que desde a mais tenra idade, mostrou a energia e vontade de ferro de que tantas provas deu mais tarde. Este homem que durante o curto periodo de seu governo, causou admiração e assombro aos politicos mais experimentados do paiz que ja o apontavam ao povo como futuro presidente da Republica, deixando de si honrosissimas e saudosas tradições, marcando na historia de minas a epocha do inicio do seu progresso material e do levantamento e firmeza de caracter do altivo povo mineiro, orgulhoso de suas tradições de liberdade, encontrará na pessoa do Dr. Costa Sena um digno continuador de seu proficuo governo, que conduzirá o Estado de Minas ao grau de prosperidades e adiantamento, que todos lhe desejamos (DR COSTA SENA. O Progresso, Uberabinha, MG, ano 2, nº 88, 30/05/1909, p.1).

Um editorial também muito expressivo, intitulado Em prol da instrução, de 04/08/1909, procura refletir sobre os obstáculos ao progresso: “Nada mais difícil no centro de que trabalhar pela causa do progresso e da educação: todos os obstaculos surgem cada hora para anularemos os melhores edforços empregados nessa esfera superior de sacrificio [...]”(EM PROL DA INSTRUCÇÃO. *O Progresso*, Uberabinha, MG, Ano 2, nº 99, 04/08/1909, p.1).

Depois de apontar dificuldades em relação aos recursos financeiros para a instrução secundária ou profissional, bem como obstáculos à iniciativa particular nessa direção, posiciona-se criticamente a respeito de que “[...] no Brazil Republicano ainda se considera como objecto de luxo a instrução, desde que esta passe os limites do ensino elementar da aula primaria onde aliás a maioria dos que frequentam nem sequer terminaram o curso regulamentar” (EM PROL DA INSTRUCÇÃO. *O Progresso*, Uberabinha, MG, Ano 2, nº 99, 04/08/1909, p.1). E arremata a reflexão em torno do binômio, objeto dessa comunicação: “Nestas condicções, como esperar o progresso, se o progresso de um povo depende antes de tudo do amor á instrução? [...] Enquanto a ignorancia fôr uma instituição na sociedade, o progresso ha de ser tambem uma illusão no espirito do povo. [...]” (EM PROL DA INSTRUCÇÃO. *O Progresso*, Uberabinha, MG, Ano 2, nº 99, 04/08/1909, p.1).

Ainda ao final, a mesma reportagem expressa uma indagação:

Para que, pois, falar em progresso, quando olhamos com tamanha indiferença para a primeira e mais solida base do progresso social? É inútil. Não precisamos reagir é necessario diffundir a instrução pelas camadas populares, custe, o que custar, até mesmo porque ella é a base fundamental dos regimes democraticos. Onde reina a ignorancia não pode reinar a justiça e a liberdade que constituem o mais bello ideal de progresso e civilização” (EM PROL DA INSTRUCÇÃO. *O Progresso*, Uberabinha, MG, Ano 2, nº 99, 04/08/1909, p.1).

O que se observa pelas matérias jornalísticas, aqui ilustradoras, o progresso esteve a orientar e a encaminhar a análise, a compreensão, a interpretação, bem como a crítica às questões relativas ao progresso associado a questão educacional escolar. Aclamada como intencionalidade, a categoria representa, desde que ancorada às expressões da segunda metade do século XVIII ou do século XIX, um delineamento que se persegue em vista de uma crença na perfectibilidade do homem, cabendo à educação escolar papel central.

A luz, a ilustração, a luminosidade, a instrução, a educação, o progresso intelectual, a regeneração da sociedade, a civilização, a justiça, a liberdade, os ideais evolucionistas, entre outras metáforas e valores aspirados – permitem entrever que os ideários iluminista, evolucionista e positivista permearam a imprensa local. Certamente, a perspectiva liberal está a cimentar tais ideários, posto que tal visão de mundo veio sendo capaz de capitanear a sociedade ocidental, mas também de se constituir em resposta aos anseios iluministas instaurados na segunda metade do século XVIII.

Para além de uma perspectiva localista ou regional, tal imprensa esteve sintonizada com o norteamento da cultura ocidental. Embora a cidade de Uberlândia, MG, contasse com uma população estimável em quatro mil habitantes, nesse momento, sua comunicação com São Paulo se fazia pela Mogiana desde o final do século XIX, pela qual também se realizou o movimento da imigração estrangeira. E o progresso – substituído desde os anos 1950 pela categoria desenvolvimento – constituía-se em intencionalidade, bem como em norteamento para aferir os rumos da sociedade.

Referências bibliográficas

- ALPÍZAR, José Solano. *Edjucación y desarrollo en América Latina; un análisis histórico-conceptual*. Heredia, Costa Rica: Euna, 2001.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. Boletim nº 241, Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, 1959.
- BOBBIO, Norberto et alii. *Dicionário de Política*. 2ª. edição. Brasília: Ed. UnB, 1986.
- CONDORCET, Jean-Antonio-Nicolas de Caritat. *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Campinas, SP, Ed. da Unicamp, 1993.

DUSSEL, Inés & CARUSO, Marcelo. *La invención del aula: una genealogía de las formas de enseñar*. Buenos Aires: Ediciones Santillana, 1999.

ENCYCLOPÉDIE ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers (articles choisis). Paris: Flammarion, 1986, vol. 2.

JOLIBERT, Bernard. *Raison et éducation*. Paris: Éditions Klincksieck, 1987.

KANT, Immanuel. *Teoría y práctica*. Madrid: Editorial Tecnos, 1986.

_____. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Si el género humano se halla en progreso constante hacia mejor*. In *Filosofía de la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: Editora da UnB, 1985.